

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS

CAMPUS A. C. SIMÕES

INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS COMUNICAÇÃO E ARTES

HISTÓRIA, BACHARELADO

DANIELA DA SILVA LINO

**BARROCO NA EUROPA: UMA ANÁLISE SOBRE SUA INFLUÊNCIA NA
CONSCIÊNCIA COLETIVA NO SÉCULO XVII**

MACEIÓ - AL

2024

DANIELA DA SILVA LINO

**BARROCO NA EUROPA: UMA ANÁLISE SOBRE SUA INFLUÊNCIA NA
CONSCIÊNCIA COLETIVA NO SÉCULO XVII**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de História da Universidade Federal
de Alagoas, como requisito parcial à obtenção
do título de Bacharelado em História.

Orientador: Prof^ª. Dr^ª. Célia Nonata da Silva.

MACEIÓ - AL

2024

Catálogo na Fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

L758b Lino, Daniela da Silva.
Barroco na Europa : uma análise sobre sua influência na consciência coletiva no século XVII / Daniela da Silva Lino. – 2024.
40 f. : il.

Orientadora: Célia Nonata da Silva.
Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em História : bacharelado)
– Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Ciências Humanas,
Comunicação e Artes. Maceió, 2024.

Bibliografia: f. 40.

1. Barroco. 2. Igrejas reformadas. 3. Europa. I. Título.

CDU: 7.034:2(4)

AGRADECIMENTOS

Quero expressar meu profundo agradecimento a Deus, cujo apoio foi o que me sustentou ao longo destes extensos anos, distante de minha família e amigos. À minha orientadora, Prof.^a. Dr.^a. Célia Nonata, dedico minha gratidão pela amizade, paciência, carinho e pela valiosa oportunidade de acompanhamento neste trabalho. Seu constante incentivo e orientação foram fundamentais, resgatando em mim o prazer pelo aprendizado. Manifesto a minha sincera gratidão aos meus pais, o Sr. Antônio Cordeiro Lino e a Sra. Edleuza Rodrigues da Silva Lino, pelo amor, confiança e zelo que dispensaram a mim. Não posso deixar de mencionar aqueles que se tornaram verdadeiramente parte da minha família, sem mencionar muitos nomes específicos, agradeço ao Sr. Clebson Farias e Sra. Francielly Farias, por me acolherem em sua residência com amizade, carinho, e total apoio. Agradeço a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a concretização deste sonho. Por fim, dedico uma gratidão especial ao meu eterno amado e amigo, Pedro Régis, cujo apoio, amor e cuidado foram constantes ao longo dos anos de graduação. Agradeço por sua presença constante, ontem, hoje e nos dias que virão. Gratidão!

RESUMO

O objetivo deste estudo é analisar como o Barroco foi introduzido na historiografia europeia durante o século XVII, com base no pensamento de José Antônio Maravall em "A Cultura do Barroco". Analisa-se a influência e a forma como esse movimento se integrou ao cenário histórico da época e suas contribuições para a mentalidade moderna. É válido ressaltar, que o barroco não se trata apenas de uma época de transformações artísticas ou religiosas, mas sim de uma realidade social complexa. Nesse contexto, a cultura barroca emerge como um mecanismo de controle social. Ela é uma expressão artística e cultural que, ao mesmo tempo, oferece um mecanismo estético e intelectual de controle como uma forma de manter a ordem social estabelecida. O Barroco, portanto, foi utilizado para controlar a energia e as emoções da população, além de dirigir os comportamentos humanos.

Palavras-chave: Barroco; Reforma Religiosa; Europa.

ABSTRACT/RÉSUMÉ/RESUMEN

The aim of this study is to analyze how the Baroque period was introduced into European historiography during the 17th century, based on José Antonio Maravall's ideas in "The Culture of the Baroque." It explores the influence and integration of this artistic movement within the historical context of the time and its contributions to the modern mentality. It's worth emphasizing that the Baroque era isn't merely about artistic or religious transformations but is deeply rooted in a complex social reality. Within this context, Baroque culture emerges as a mechanism of social control. It's an artistic and cultural expression that simultaneously offers an aesthetic and intellectual mechanism for maintaining established social order. Therefore, the Baroque was employed to regulate the energy and emotions of the population, as well as to direct human behaviors.

Keywords: baroque; religious reform; Europe

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Velha Fritando Ovos 1618. The National Gallery of Scotland, Edimburgo, Grã-Bretanha. Velázquez/ Taschen.....	27
Figura 2: A Cobbler, Adriaen van Ostade - 1670.....	27
Figura 3: The Fall of Phaeton, 1604 - Peter Paul Rubens.....	29
Figura 4: Natureza-morta com Marmelo, Couve, Melão e Pepino - 1600, Juan Sánchez Cotán.	29
Figura 5: A Lição de Anatomia do Dr Tulp, 1632, Rembrandt, Mauritshuis, Haia, Holanda.....	30
Figura 6: Roupas de teatro Rei Sol e Rei Luís XIV da França, 1882-1884 · Unbekannt.	36

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	14
2 AS CRISES SOCIAIS NA EUROPA DO SÉCULO XVII E O BARROCO COMO UMA FORMA DE CONTROLE.....	16
3 A REFORMA RELIGIOSA E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A MENTALIDADE BARROCA.....	20
4 O BARROCO SOB UMA PERSPECTIVA DA ARTE.....	26
4.1 A literatura barroca.....	31
4.1.1 O teatro barroco.....	34
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39
REFERÊNCIAS.....	41

1 INTRODUÇÃO

Habitualmente se concorda em que, desde o século XI, a Europa presenciou transformações econômicas, políticas, intelectuais, artísticas e culturais que, gradativamente, levaram a sociedade a reorganizar-se e estruturar-se para repensar sua visão e seu conceito de mundo. Essas transformações não estão relacionadas apenas a uma mudança de paradigmas, mas a uma radical transformação da estrutura social e intelectual de toda uma época, ocasionada pela capacidade em que os homens modernos desenvolveram em compreender que as coisas nos setores da vida coletiva não andavam bem, ocasionando uma consciência de desconforto e descrença na tradição como autoridade à critério da verdade. Nessa fase, é notório a preocupação das ditas classes dominantes, em direcionar uma cultura para formar, controlar e unificar as mentes daqueles que estavam insatisfeitos com o regime estabelecido. Essa preocupação política não consistia apenas nesses aspectos, mas também pela tendência dos humanistas em reinterpretar os modelos estéticos artísticos e literários da antiguidade em favor da constituição de uma mentalidade na qual o homem tem a oportunidade de superar-se através de seus feitos.

O humanismo não apenas criticava o modo de vida daquela época, mas preocupava-se em oferecer novos valores, novas oportunidades ao homem que lentamente começa a indagar-se a respeito do mundo a sua volta tornando-se mais atuante e participativo. Sobretudo, a proposta dos humanistas, era de dinamizar o currículo científico das universidades medievais com o acréscimo de outras áreas do conhecimento como a poesia, a filosofia, a história e a matemática baseadas nos modelos da Antiguidade Clássica. Toda essa inquietação acarretou mudanças nos comportamentos e nos ideais das pessoas e, no primeiro momento, foram refutadas pelos integrantes da Igreja que as interpretou como uma espécie de retomada saudosista da vulgarização da cultura e da queda dos valores tradicionais. Porém, não podemos definir esse momento da história como um período de crise, porque esse vocábulo está longe de significar os estados sociais de perturbação tal como conhecemos hoje. Mas, não nos falta consciência para perceber as tribulações negativas ocorridas nesse período.

Nessa perspectiva, para que possamos compreender esse dilema, é preciso levar em conta a intensa religiosidade vivida na Europa durante os séculos XV e XVII e principalmente

as contribuições que o ideal humanista, através da autoconfiança exacerbada na capacidade intelectual ilimitada do homem e em sua transformação através do livre arbítrio, desencadeou para o surgimento da Reforma. O que se pretendia com a reforma protestante, era levar ao povo uma religião que se identificasse com seu cotidiano, desprendida de uma linguagem totalmente desconhecida pelos fiéis e que colocasse a figura de Cristo como principal modelo, como foi desenvolvido por Erasmo de Rotterdam. Diante disso, quando pensamos no Barroco, é preciso levar em consideração a crise em que o século XVII estava inserido, não podemos nos concentrar apenas no campo da história da arte, ou no campo da reforma religiosa, mas, entender o barroco como uma cultura urbana, massiva, repleta de camponeses que abandonaram os campos devido à miséria, de ciganos, mercadores perdidos e marginais que se concentraram em um local específico, o centro urbano, como chance de sobrevivência, mas chegando lá, depararam-se com um turbilhão de pessoas e problemas, em uma cidade, desprovida de ordem, onde o indivíduo está fadado a viver de esmola e do crime. Também é característico desse processo, a perda de identidade do indivíduo que ao mudar-se para a cidade, seus hábitos foram-lhe retirados, e apresentando-lhe outros. Portanto, a cultura barroca vem para controlar esse que poderia se revoltar, com tamanha pressão social sofrida, para manter os privilégios das monarquias.

2 AS CRISES SOCIAIS NA EUROPA DO SÉCULO XVII E O BARROCO COMO UMA FORMA DE CONTROLE

As crises sociais são processos que afetam profundamente o estado social de um povo, e isso é determinante para a criação de uma nova cultura. (MARAVALL, José Antonio.)

O século XIV, sobretudo, é marcado por fortes tensões e crises, dentre elas a rápida propagação da peste negra, que deixou uma soma de milhões de mortos por todo o continente, além das disputas territoriais entre França e Inglaterra numa guerra que se arrastou por mais de cem anos e as revoltas camponesas, resultado da super-exploração de sua mão-de-obra. A fome e o decréscimo populacional, consequências imediatas destas tragédias, contribuíram para o fim do antigo sistema feudal. Na Espanha no século XVI, a situação era de uma tremenda crise social e econômica, aliada com o aumento denso da demografia e a miséria dos campos, levando a atenção dessas pessoas para as cidades, unindo uma multidão de diversos grupos com diferentes interesses em um único lugar. Definitivamente, isso poderia resultar em revoltas populares, e um clima de grande desordem.

Essas mudanças decorrentes dos processos históricos que se acentuaram no final da Baixa Idade Média, proporcionaram o surgimento da efervescência urbana, consequência do novo modelo econômico comercial que possibilitou o aparecimento de uma nova classe social, a burguesia mercantil, que teve um papel fundamental na política de solidificação dos territórios e das monarquias nacionais modernas e no financiamento de todo um instrumental técnico científico e artístico.

Na Espanha, por exemplo, a crise do século XVII havia transformado a imagem dos espanhóis do século anterior, demonstrando que toda aquela junção de acontecimentos, não prejudicava apenas alguns setores sociais a parte, mas afetava intrinsecamente toda a base humana da sociedade, de um lado, pondo à tona o estado de relaxamento moral generalizado que a Europa viveu naquele século, em que a futilidade das músicas e bailes, a depravação sexual, a libertinagem sexual, o aumento intensivo da prostituição e do jogo; e por outro lado, os motins, alvoroços e rebeliões de grande violência, causadas pela miséria e desagregação da sociedade, fez a monarquia absolutista buscar algumas formas de controles para estabelecer a ordem social. Para isso foi necessário fortalecer os meios físicos de repressão e buscar meios de penetração nas consciências.

Desse modo, é notório as grandes operações sociais, para conter aqueles que de alguma forma, ameaçavam decompor a ordem vigente. Assim, a nobreza hereditária, a maior possuidora de privilégios, foi a responsável por ditar as normas do comportamento social. E como esse jogo de liberdade e repressão afeta a raiz da cultura, isso é determinante para a criação de uma nova cultura. Definitivamente, uma cultura para tornar os indivíduos iguais e doutrinados, animais que pensam apenas o que lhe foi ensinado. Porém, os poderosos se viram obrigados a proporcionar uma cultura na qual predominam os elementos de compromisso com o sistema e persuasão, para incluir as massas e fazê-las se sentirem pertencentes a algo. Inclusive, a igreja por sua vez, incluiu o código moral social cristão, no qual, os modos de comportamento passaram a ser redigidos de acordo com a ordem social. Esses resultados, são os traços de uma cultura barroca e jamais seriam abordados sem levar em conta a crise social e o conflito. Pois, sempre que se chega a uma situação de conflito entre o indivíduo e o meio social em que ele está inserido, produz-se uma cultura gesticulante, de expressão dramática, tal como foi o barroco.

O século XVII, tinha uma política, em que o número de terras passou a ter um forte prestígio social e uma valorização muito grande, houve por essa via, uma grande possessão por investir em terras, pelo valor extraeconômico que elas possuíam, pois os ricos que compravam tais bens, e arrendava aos camponeses por um preço bem elevado; isso prejudicou e levou a ruína de pequenos proprietários, provocando-os o abandono de seus campos, e possibilitou uma massa anônima de indivíduos, que veio, mais tarde, compor as novas cidades. Desde o final do século XVI, os espanhóis lamentavam as proibições, a mudança violenta do governo, as perseguições e denúncias que as pessoas, insatisfeitas com as monarquias e repúblicas aristocráticas, foram submetidas quando Filipe IV, começou o seu reinado. A situação social generalizada e insustentavelmente opressora causou revolta popular extrema e foi nesse contexto, que na Espanha houve uma decapitação de um ministro. É inegável, a crise social em que toda Europa estava inserida. Definitivamente, o Barroco foi instituído em uma época que todas as esferas da vida coletiva, se viu arrastada pelas forças irracionais, pelo apelo à violência a manipulação de crimes, e o relaxamento moral. Todos esses aspectos são resultados da situação social vivida em que se expressou através das manifestações da mentalidade geral da época. A crise social e a crise econômica contribuíram para criar o clima psicológico do qual surgiu o barroco e do qual se alimentou inspirando o seu desenvolvimento nos mais variados campos da cultura.

Sobre isso, José Antonio Maravall diz:

É uma manifestação da cultura Barroca, mas também é barroco todo esse conjunto de recursos ideológicos artísticos e sociais que foram cultivados, em especial para manter psicologicamente sobre a autoridade tanto as vontades que eram temidas por potencialmente estar em condição de se ou por ela. (1997, p.116)

No século XVII, na Inglaterra, houve um evento histórico significativo, a decapitação do rei Carlos I. A situação tornou-se tão insustentável e ameaçadora que a monarquia teve que lançar uma campanha de direção e integração das pessoas que estavam desorganizadas e sem rumo. Para alcançar esse objetivo, o apoio de artistas, pintores, dramaturgos, políticos e outros indivíduos influentes foi fundamental. Os artistas e intelectuais desempenharam um papel crucial na tentativa de unir a sociedade e criar uma nova ordem política e social após a turbulência desencadeada pela crise social vigente. Eles contribuíram para a formação de uma visão compartilhada e forneceram uma base cultural e intelectual para a reconstrução do país. Essa colaboração entre artistas, políticos e intelectuais foi fundamental para estabelecer uma direção e restaurar a estabilidade. No século XVII, as pessoas acreditavam que tinham a capacidade de intervir na economia e reivindicavam mudanças aos governantes. No entanto, existia uma preocupação em manter a cultura sob controle, estudá-la e aprimorá-la, a fim de prevenir perturbações ou revoluções que pudessem ameaçar a estabilidade. Isso incluía a concepção de uma economia altamente regulamentada, uma literatura que, embora às vezes crítica, estava alinhada com a autoridade, uma ciência conduzida por sábios prudentes e uma religião que unificava diversos tipos de crenças sob a liderança da igreja.

No contexto do Barroco europeu, a psicologia social desempenhou um papel de destaque. Naquele período, havia um interesse significativo em compreender e influenciar o comportamento das pessoas. A cultura barroca foi uma ferramenta essencial para moldar o comportamento das pessoas de acordo com uma visão específica, principalmente no que diz respeito à sociedade e ao poder político da época. Em resumo, o Barroco na Europa foi instituído como um meio para influenciar e orientar o comportamento das pessoas, especialmente durante o século XVII, quando a estabilidade e o controle social estavam desordenados. Isso envolvia a influência sobre a economia, a literatura, a ciência e a religião,

a fim de manter a ordem e a autoridade na sociedade da época. Por isso, era necessário empenhar todos os esforços possíveis para penetrar no conhecimento do ser humano. No século XVII, um período em que a ciência moderna estava em sua primeira fase de constituição definitiva, todo conhecimento tinha como objetivo dominar a parcela da realidade à qual se referia. Isso se aplicava rigorosamente também à ciência que estudava o homem. Pensadores como Francis Bacon, Descartes e Max Weber exploravam temas como religião, capitalismo e racionalismo científico. No entanto, tudo isso estava relacionado a um contexto histórico compartilhado, com o interesse comum de conhecer o que pretendiam dominar.

Na filosofia, o conhecimento do ser humano começava com o conhecimento de si mesmo, pois a compreensão de si era o ponto de partida para adquirir controle sobre o mundo ao redor. Essa preocupação com o conhecimento, o controle e a manipulação dos comportamentos humanos levavam à associação entre esses comportamentos e a moralidade. Isso, por sua vez, se tornou o centro da mentalidade Barroca. No entanto, é importante destacar que esses pensadores modernos, que desempenharam um papel de suma importância no desenvolvimento das ideias e da cultura durante o Barroco na Europa, conheciam e praticavam essa doutrina em diversos aspectos da vida, como no teatro, na poesia, nas novelas e em uma ampla variedade de escritos, no qual, estavam empenhados na busca pelo conhecimento das humanidades e no pensamento cultural da época.

3. A REFORMA RELIGIOSA E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A MENTALIDADE BARROCA

A questão social só começou a desempenhar um papel revolucionário quando, na idade moderna, e não antes, os homens começaram a duvidar que a pobreza fosse inerente à condição humana (ARENDRT, Hannah.)

A Idade Moderna modificou em diferentes graus as atividades econômicas, as formas políticas, ideologias, as relações, estruturas sociais e as manifestações culturais, caracterizando o período de transição do feudalismo para o capitalismo, onde o homem moderno passou a possuir novos mecanismos de desenvolvimento e divulgação de ideias de acordo com a nova dinâmica urbana. O cenário urbano que se desenvolvia desde o século XII contribuiu para a formação do mundo moderno. A cidade ampliava o horizonte do pensamento e da vida do homem por meio das informações que fornecia a todo momento, possibilitou uma nova postura política, econômica e viabilizou, devido às Cruzadas, interações no campo religioso e na vida social. Ainda durante a Idade Média, a sociedade europeia se estagnou em diversas camadas sociais distintas. A nobreza compreendia indivíduos da aristocracia, incluindo reis, senhores feudais e nobres, que desfrutavam de considerável poder político e influência econômica. Por outro lado, a burguesia era formada por comerciantes, artesãos e outros grupos urbanos que progressivamente desempenhavam um papel cada vez mais relevante na economia. A Igreja Católica, além de seu papel espiritual, fazia parte do governo, o que lhe proporcionava extensas propriedades e vastas riquezas, além de uma influente força, tanto política, quanto econômica.

A Igreja, em alguns momentos, também se envolvia em atividades comerciais, incluindo a prática de vender indulgências, o que gerava críticas e insatisfação entre a população. Além disso, a Igreja estava frequentemente envolvida em questões territoriais devido à posse de terras e estados eclesiásticos. Isso a colocava em competição direta com os interesses territoriais de outras entidades de poder, como imperadores e reis. Como resultado dessas atividades comerciais e disputas territoriais, surgiram tensões políticas entre a liderança da Igreja Católica, e o Império, que frequentemente estava sob a liderança de

imperadores. Essas tensões se materializaram em conflitos e disputas pelo controle, autoridade e independência, com o Papado em busca de preservar sua influência e autonomia.

As reflexões sobre os valores humanos ganharam espaço à medida que as experiências das Cruzadas e o crescimento do comércio se desdobravam. Isso possibilitou uma crítica sutil à hierarquia social e religiosa. Embora não tenha havido um confronto direto com os dogmas e ensinamentos teológicos. Nesse cenário, o ser humano desenvolveu uma nova consciência, adotando uma perspectiva renovada em relação ao conhecimento e à compreensão. Ele ansiava pela conquista da liberdade e do livre arbítrio, embora mantivesse preocupações profundas em relação ao seu destino e sua conexão com Deus, chegando até a refletir sobre a predestinação. Essa transformação colocou o indivíduo em um contexto desafiador, no qual ele se encontrava diante de instituições que buscavam preservar seu poder e influência. Essa tensão culminou no movimento da Reforma Protestante, que representou uma resposta e uma oposição a essas estruturas estabelecidas, resultando em mudanças significativas na religião e na sociedade da época.

Lutero foi absolutamente contra a autoridade da igreja, não apenas pela venda das indulgências em meio a tanta miséria, mas pelo desgaste da autoridade. Com o desenvolvimento de suas teorias, surgiu a rejeição da necessidade de uma Igreja institucionalizada, uma vez que, de acordo com sua crença, a salvação dependia exclusivamente da graça divina e Cristo era o único pregador e salvador. Essas ideias contribuíram para que Lutero e seus seguidores alemães rompessem oficialmente com a Igreja Católica. Sobre isso Falcon (2006, p. 137) aponta as transformações decorrentes das críticas de Lutero:

Em primeiro lugar, acentuou que a salvação só se dava pela fé, rejeitando a base da doutrina católica, que era o tomismo. Definiu que a Bíblia era o único dogma de sua religião e que sua leitura deveria ser livre; suprimiu o clero regular, o celibato clerical e as imagens; manteve apenas dois sacramentos, o batismo e a eucaristia; exigiu que os ritos de sua igreja fossem realizados na língua alemã; negou a transubstanciação, que acentuava a transformação do pão e do vinho no corpo e no sangue de Cristo, e aceitou a consubstanciação, em que o pão e o vinho apenas representavam o corpo de Cristo.

A reforma proporcionada por Lutero, circulou e repercutiu em algumas guerras civis na Europa, já que a partir desse pontapé inicial, dado por ele, surgiram outras religiões. Entre

elas estava o Calvinismo, um movimento reformador, liderado por João Calvino, que surgiu para aprofundar a proposta criada por Martinho Lutero. Porém, é importante ressaltar, que o calvinismo é associado às doutrinas protestantes, que não são luteranas, já que Lutero pretendia, inicialmente, apenas reformar a igreja católica, enquanto João Calvino não acreditava na possibilidade de mudança e pretendia criar uma nova igreja. O calvinismo, teve como principal temática a predestinação e foi amplamente aceito por grupos insatisfeitos com a Igreja Católica, tal como a nobreza e a burguesia que criticavam a posse de terras da Igreja assim como a cobrança exagerada de lucros. Lutero queria apenas transformar e modificar algumas atitudes da Igreja, mas afastou-se desse objetivo, constituindo então, o protestantismo, que não seguiria as tradições, mas apenas a doutrina inscrita na Bíblia, e cujos costumes e usos não estariam presos a convenções ou épocas. Os conflitos, desencadeados pelo espírito da reforma, culminaram na Guerra dos Trinta Anos, que devastou a Alemanha e matou um terço de sua população, uma taxa de mortalidade duas vezes maior que a da Primeira Guerra Mundial. Em meio a onda de violência que a Europa inteira estava inserida, só foram amenizadas em 1555, pela "Paz de Augsburgo". Este acordo determinava o princípio de que cada governante dentro do Sacro Império poderia escolher sua religião e a de seus súditos.

O papel desempenhado por Lutero nos embates diretos com a Igreja Católica foi essencial para compreensão da formação do poder, da ideia de direito da propriedade e do conceito de Estado na modernidade, incluindo-se aí suas pontuais revelações sobre a soberania. Ele foi um dos primeiros autores a defender a separação entre a igreja e o Estado, e contribuiu para o Concílio de Trento e ajudou no surgimento de ideologias democráticas liberais. As repercussões das idéias de Lutero se espalharam pelo continente europeu e atingiu os setores políticos, sociais e religiosos. Em cada região, os princípios reformadores de Lutero assumiram características diferentes, pois muitos religiosos passaram a estudar seus escritos e propor a renovação da Igreja.

É evidente que enquanto muitos entendiam a Reforma como caminho para a liberdade, o Clero observava como um equívoco que desestabilizava os princípios de autoridade, ordem social e disciplina da igreja. Para que possamos compreender esses acontecimentos, devemos considerar a intensa religiosidade que permeou na Europa durante aquele século. Naquela época, a sociedade mantinha muitos costumes da época medieval. Isso se manifestava, por um

lado, pela interpretação da bíblia, como uma fonte de conhecimento, de esperança, de refúgio e também pelo pânico dos pecados, pelo medo da morte e de passar a vida inteira naquele tormento sem fim. É essencial examinar as diversas manifestações que ocorreram na política, na economia e na sociedade da época. Como mencionado anteriormente, esse período foi marcado por uma considerável instabilidade, caracterizada por epidemias, fome e conflitos armados.

A reforma religiosa não apenas proporcionou às pessoas uma via para a liberdade de expressão, mas também desencadeou uma busca por conhecimento, especialmente após a disponibilização da Bíblia em língua vulgar. Esse acesso permitiu que um número cada vez maior de pessoas pudessem compreender e interpretar as escrituras por si mesmas, contribuindo para transformações significativas na religião e na sociedade da época. A vida naquele tempo era tão instável, era tão difícil, marcada por longos períodos de fome e doenças, em que a morte era tão presente, que a plenitude de uma vida abundante e repleta de paz, só seria possível na vida espiritual. Portanto, não existiria nada pior do que a morte espiritual. Todo esse contexto gerou uma carga significativa de emoções, consciência e, acima de tudo, responsabilidade no ser humano, algo que antes não era tão proeminente. Quando falo de responsabilidade, refiro-me ao fato de que a salvação passou a ser interpretada de forma individual, dependendo das ações e condutas das pessoas. Essa consciência não se aplica apenas no campo religioso, mas nos novos sistemas políticos que dividiam a cidade, a cultura urbana e os camponeses. A angústia coletiva atingiu todos os níveis culturais e econômicos. Em tese, essas mudanças, decorrentes do contexto histórico da época, levaram as pessoas a adquirirem uma maior consciência de si mesmas e de suas responsabilidades individuais, tanto no âmbito religioso quanto em outros aspectos da vida social e política. Sobre isso, Maravall (1997, p. 103) aponta as tensões decorrentes da época:

As tensões sociais conflitivas, em cujo solo movediça se apoia insustentavelmente a sociedade do século XVII, do qual procede a instabilidade característica das produções da cultura Barroca. [...] afetam a relação de Nobres e peixeiros de ricos e pobres, de cristões velhos e convertidos, de crentes e não crentes, de estrangeiros e súditos, de homens e mulheres, de jovens e velhos, de governo central e populações periférica, por todo lado a motins, alvoroços, rebeliões de grande violência.

As Reformas, portanto, ocorreram para dar conta das necessidades dos homens naquela sociedade do desespero. Em que a vida dos homens só poderia ser justificada pela fé. Daí

derivam o individualismo, em que os homens, passaram a buscar qualquer mecanismo capaz de salvá-los. De acordo com Davidson (1991, p.10), a criação do Concílio de Trento, proporcionou à igreja a capacidade de atender às necessidades religiosas de seu tempo, principalmente para fortalecer o catolicismo em áreas onde o protestantismo ainda não havia se estabelecido com firmeza. A devoção religiosa era um aspecto poderoso e a Igreja Católica precisava adotar uma posição estratégica. À medida que os príncipes soberanos ganhavam cada vez mais influência, a criação do Concílio de Trento, como aponta FALCON (2006, p.133), surgiu como uma resposta para capacitar a Igreja a atender às necessidades religiosas da época. Essa iniciativa tinha como objetivo principal fortalecer o catolicismo. O Concílio de Trento desempenhou um papel crucial ao estabelecer diretrizes e reformas que moldaram a história da Igreja Católica diante dos desafios apresentados pela Reforma Protestante e fortaleceram sua posição na Europa. O propósito doutrinário do Concílio era esclarecer os ensinamentos da Igreja e formar na mentalidade dos cristãos os valores educacionais formulados no século XVI, para recompôr sua autoridade, além de restaurar a disciplina eclesiástica, elaboradas para reafirmar o dogma da infalibilidade papal, para estender as ordens religiosas e principalmente para catequizar e educar os pagãos.

Assim como aponta Mullet (1985, p. 23-24), a educação dos europeus no catolicismo representava mais do que escolas; envolvia os sermões e sacramentos, as majestosas procissões e missões, a apreciação das obras de arte sacra, e a grandiosidade das igrejas barrocas, entre outros elementos. A Espanha e a Itália constituíram, efetivamente, as rampas de lançamento para a re-catolicização de grandes territórios em países contestatórios. A grande parte da energia da Contra reforma foi investida, política, militar e educacionalmente, primeiro na restauração dos elos oficiais entre esses países e Roma e depois no aprofundamento da devoção dos seus povos à fé católica. Inclusive, as ordens religiosas que foram criadas, como as ordens dos capuchinhos e das ursulinas, muitas coisas foram determinadas, entre elas, estava a renovação do catolicismo na Espanha pela ordem das carmelitas descalços e a formação religiosa do Brasil que foi construída nessas circunstâncias, com a chegada dos jesuítas. Porém, as missões idealizadas pela igreja, não podem ser vistas inteiramente em termos espirituais. Elas estão intrinsecamente ligadas a uma espécie de compensação, para compensar países perdidos na Europa.

Após o Concílio, pode-se ver todo o quadro da Igreja modificado internamente. A Reforma Católica e as ações do Concílio permitiram a Igreja se adaptar aos novos tempos, mantendo

suas tradições, pois os movimentos protestantes demonstraram as inevitáveis mudanças que deveriam ocorrer. A Igreja Católica reconheceu sua necessidade de estruturar-se fortemente no que diz respeito a sua doutrina, reforçando a autoridade papal centralizadora e da uniformização dos ritos da Igreja. O Concílio de Trento não foi somente contra reformador, mas possibilitou à Igreja reformar-se de acordo com as críticas que lhes eram lançadas pelos movimentos protestantes. Os dogmas e as práticas sociais foram reafirmados e ampliados, proporcionaram contribuições em favor da renovação da Igreja, permitindo se adaptar às novas exigências da sociedade moderna, para corrigir certos problemas internos inerentes ao catolicismo da época. Em resposta às críticas dos protestantes e de outros grupos, a Santa Sé buscou no Concílio de Trento e em seus decretos meios para rejeitar explicitamente as doutrinas protestantes, a fim de reerguer a estrutura da Igreja pela renovação de Roma enquanto capital religiosa.

4 O BARROCO SOB UMA PERSPECTIVA DA ARTE

O século do Barroco foi caracterizado como uma era de expressão exuberante e dramática, conhecida por sua intensidade e exagero. Porém, para Maraval (1975, p.331) não é a exuberância na arte barroca que tem como marca necessária e comum a todas as manifestações culturais da época, é a extremidade, um recurso de ação psicológica sobre as pessoas, estreitamente ligado aos pressupostos e fins do Barroco.

De acordo com Maravall (1975, p.331) “nem exuberante, nem simples em si mesmo, mas, em todo o caso, uma [...] extremosidade, por exagero”.

Ainda menciona, uma notável observação em Velázquez, pelo uso de sua técnica do inacabado. Apesar de que esse estilo não era único, representava um estágio crucial no desenvolvimento histórico, marcando o ápice das técnicas barrocas. Maravall destaca, (1975, p.344) que o espectador ao se deparar com uma obra barroca incompleta ou artisticamente irregular, ele é momentaneamente suspenso, e levado a se envolver ativamente na obra, sendo profundamente afetado por ela e capturado por sua intensidade.

Maravall cita (1975, p.344):

Simplemente, de um procedimento através do qual se pretende que o inacabado leve a suspensão, a intervenção ativa do público e ao contágio e a ação psicológica sobre este, e impulsionando em direção a certos objetivos para os quais se pretende dirigi-lo.

Inicialmente, quando analisamos alguns artistas da época, compreendemos que muitos buscavam destacar a realidade, como visto nas primeiras obras de Velázquez, como o quadro "Velha Fritando Ovos" de 1618, que vividamente retrata a sociedade espanhola da época. Por outro lado, o trabalho de Adriaen van Ostade, pintor holandês, que focava em representar cenas do cotidiano de camponeses e comerciantes. Esses estilos artísticos se tornaram bastante populares entre os compradores de arte na Holanda do século XVII e ficaram fortemente popularizado.



Figura SEQ Figura * ARABIC 1: Velha Fritando Ovos 1618. The National Gallery of Scotland, Edimburgo, Grã-Bretanha. Velázquez/ Taschen.



Figura SEQ Figura * ARABIC 2: A Cobbler, Adriaen van Ostade - 1670.

Diferentemente dos italianos e espanhóis, os holandeses, em particular, nunca demonstraram grande atração pelas filosofias de estilo, pelas manufaturas refinadas, ou pelas teorizações

sobre os sentidos mais profundos da arte. Os holandeses também utilizavam suas telas como um meio de denúncia social, representando indivíduos esqueléticos e mal-vestidos para refletir a injusta distribuição da riqueza abundante na sociedade da época. A ênfase em representar o ambiente doméstico é outra característica marcante do barroco holandês.

Como vimos no primeiro capítulo, a arte barroca, principalmente na Espanha, Itália e França, desempenhou um papel crucial como o veículo perfeito para a renovação do prestígio da monarquia e a restauração dos poderes econômicos sociais dos antigos e novos senhores. A arte estabeleceu conexões diretas ou indiretas entre as novas classes sociais emergentes e a nova ordem econômica, política e social que estava se formando. A monarquia se projetou centralmente nesse contexto, tornando-se a grande patrocinadora de avanços técnicos, científicos e artísticos. Isso estreitou seus laços com a nobreza e o alto clero, que juntos formavam o um incentivo destinado à produção cultural. O espaço urbano, como resultado dessa produção cultural, obteve constantes transformações estéticas, refletindo o poder financeiro da monarquia e promovendo uma cultura inovadora.

Pressupõe-se, portanto, uma psicologia social; Este é o ponto de partida e sua consideração prévia é a de permitir conhecer e dirigir a conduta do indivíduo enquanto parte de um grupo. Desse modo, a cultura do Barroco é um instrumento operativo cujo objetivo é atuar sobre certos homens dos quais se possui uma visão determinada, a fim de fazê-los comportar-se, entre si e em relação à sociedade que compõem e ao poder que a rege de maneira que se mantenha e potencialize a capacidade de autoconservação de tais sociedades conforme aparecem estruturadas sobre os fortes principados políticos da época. (MARAVALL, 1975, p.117)

A cultura do barroco propôs novos comportamentos, hábitos e valores com o momento histórico, estabelecendo a superioridade da realeza sobre a cultura rural, em que muitas vezes era considerada inferior e antiquada. De acordo com Maravall (1975, p.331), trata-se necessariamente de uma época que oferece produtos de acentuada condição exuberante e ostentatória, mas o que caracteriza a arte barroca não é necessariamente a exuberância, mas sim a extremidade. A ênfase na extremidade representa, de fato, um recurso de grande impacto psicológico intimamente associado aos princípios e objetivos fundamentais do Barroco. Em contraste com a mera exuberância ou simplicidade, o Barroco se destaca por sua abordagem extrema e exagerada. É importante perceber que não se trata apenas de uma manifestação artística exuberante ou simples por si só, mas sim de uma fusão intrincada desses elementos, guiada pela intensidade extrema e pelo exagero. Isso pode ser exemplificado quando comparamos artistas como Rubens, Sanchez Cotán e Rembrandt. Cada

um deles incorporou à sua maneira a extremidade barroca em suas obras, criando um impacto psicológico profundo e distintivo que está intrinsecamente ligado aos ideais e propósitos do movimento Barroco.



Figura SEQ Figura * ARABIC 3: The Fall of Phaeton, 1604 - Peter Paul Rubens.



Figura SEQ Figura * ARABIC 4: Natureza-morta com Marmelo, Couve, Melão e Pepino - 1600, Juan

Sánchez Cótan.



Figura SEQ Figura * ARABIC 5: A Lição de Anatomia de Dr Tulp, 1632, Rembrandt, Mauritshuis, Haia, Holanda.

Trata-se de uma arte totalmente expressionista. Eles capturam paisagens imersas em tumultos violentos, retratam figuras humanas em atitudes ferozes e mostram ruínas que nos lembram da inexorável força destrutiva do tempo sobre as realizações humanas. Além disso, exploram a violência por meio do sofrimento e da ternura. Isso ocorre porque o Barroco coloca uma importância extrema na representação de casos de intensidade máxima na experiência humana, tanto em relação às coisas quanto aos próprios seres humanos.

A compatibilidade de termos como doce, heroico, terrível, gracioso e jovial nos ajuda a compreender o que estava por trás do uso consciente dessas palavras no contexto do Barroco. Elas fazem alusão à desproporção, à extrema intensidade, que, fora de qualquer padrão convencional, podia despertar o gosto, a admiração e espanto diante de uma obra humana. O Barroco não busca simplesmente testemunhar uma experiência satisfeita e tranquila, mas sim um estado de excitação e turbulência. A cultura do Barroco leva as pessoas a se tornarem diferentes do que são habitualmente, a sair do curso normal das coisas, e essa base de alienação fornece os fundamentos para aplicar sobre esses sujeitos uma cultura que é direcionada e causa um certo estranhamento. A capacidade do Barroco de ser uma cultura

direcionada é fundamentalmente baseada na sua natureza de alienação.

Maravall retrata, (1975 p.105) a importância de não esquecer que os poetas desempenharam uma função social configuradora e integradora, comparável à dos jornalistas de hoje, que produziam versos para um consumo social alienante, de significado massivo. Isso se tornou uma espécie de estado de ânimo quase generalizado na sociedade barroca, especialmente na espanhola. Através da extrema intensidade, busca-se alcançar efeitos específicos que têm o propósito de maravilhar e, assim, desencadear uma ação mais eficaz, ou seja, atrair e cativar de forma mais convincente aqueles a quem se dirige. As características de extrema intensidade e suspensão, que estão interligadas, também podem ser observadas no Barroco francês. Essas características estão relacionadas a certos aspectos políticos, como a maneira majestosa como os reis eram apresentados nas monarquias absolutistas do século XVII, incorporando um certo heroísmo político.

4.1 A literatura barroca

A literatura barroca esteve pautada em preocupações e preferências da época, alcançando um nível de profundidade notável ao abordar temas considerados altamente característicos daquele período. Questões como a morte, a ruína e a fugacidade da vida foram frequentemente exploradas, retratando a existência como um sonho passageiro. Em muitas obras, há uma mescla de tons sérios e sarcásticos, causando uma rica junção de elementos literários que reflete as complexidades da época. No aspecto linguístico, a poesia barroca rompe com o modelo renascentista de elegância natural e passa a valorizar uma linguagem intrincada e surpreendente. Assim como na arte barroca em geral, a poesia apresenta contrastes marcantes em relação a temas que podem variar entre seriedade e vulgaridade, tons que oscilam entre reflexivos e burlescos e estilos que transitam entre cultos e populares. Na poesia barroca, é possível identificar duas tendências proeminentes: o Culturalismo e o Conceptismo. Ambas buscam uma expressão complexa através de associações engenhosas, muitas vezes desafiando o leitor a realizar um esforço interpretativo.

O culturalismo, estilo associado a Góngora, é marcado pela intensificação e acumulação de recursos, incluindo hipérbolos de difícil interpretação, metáforas ornamentadas, uso de

vocabulário culto com ortografias pouco utilizadas, com frases longas, além de alusões mitológicas por meio de figura de linguagens. Luís de Góngora, um expoente deste estilo, criou uma poesia altamente esteticista e sensorial, direcionada à intelectualidade, raramente expressando sentimentos. Já o conceptismo é caracterizado pelo conteúdo e pelo significado, em que o duplo sentido das palavras são explorados. Onde o foco está em sugerir e associar ideias com máxima capacidade de interpretação, fazendo uso de recursos como antíteses, oxímoros, criação de novas palavras e hipérboles. Essa tendência tende à brevidade e metáforas originais. Esse estilo é associado a Francisco de Quevedo, um notável representante do Conceptismo, em que se destaca pelo uso peculiar da linguagem, experimentando novos recursos expressivos.

Essas duas tendências se destacam como facetas distintas da poesia barroca, cada uma com sua abordagem única, em que desafia o leitor a realizar um esforço interpretativo. Há, sem dúvida, várias razões que cultivam o gosto pelo que é difícil de compreender. Maraval retrata (1975, p.348) que no período Barroco, havia uma inclinação comum em direção ao difícil e obscuro, inclusive em níveis sociais mais baixos.

No século XVII, o reiterado elogio da dificuldade e o mais interessante, está em ser colocado pedagogicamente que o ensinamento bom e eficaz deve ser sempre difícil para que se obtenha como resultado o enraizamento mais sólido de um saber. Mas se é dificultoso e extraordinário seu estilo, isto por si só o incita a que se esforce para entendê-lo, pois somos naturalmente inclinados a entender e saber e um contrário com o outro se esforça, assim com a dificuldade cresce o apetite de saber. (MARAVALL, p. 348)

Entretanto, dentro das próprias perspectivas do momento, essas qualidades são defendidas e desejadas para serem cultivadas pelo autor. A técnica barroca de suspensão, busca, portanto, criar um momento de pausa usando uma variedade de recursos, para posteriormente, após esse momento transitório de detenção, mover as emoções com maior eficácia, impulsionadas pelas forças acumuladas. Essa técnica do suspense está relacionada à utilização de recursos como o móvel e o ambiente, equilíbrios instáveis, a incompletude, o estranho e o extraordinário, o inédito, o nunca antes visto. No século XVII, houve uma reiteração do elogio à dificuldade, e o aspecto mais interessante residia na ideia pedagógica de que o ensinamento eficaz deveria ser desafiador para garantir um entendimento mais sólido do conhecimento. Se o estilo é

difícil e extraordinário, isso mesmo incita o leitor a se esforçar para compreendê-lo, pois quando algo se mostra desafiador, nosso apetite pelo conhecimento aumenta. Portanto, uma doutrina que captura a atenção e deixa uma marca, uma obra de arte que transporta o público para seu mundo e o comove, um poder político que impressiona e se impõe, tudo isso e outras manifestações da vida social do século XVII demandam obscuridade, reforçando a suspensão e traduzindo-se em dificuldade. O apreço pelo desafiador, tão valorizado na mentalidade Barroca, contribuiu para destacar, na apreciação de qualquer obra, qualidades como a novidade, estranheza, invenção, extravagância e ruptura de normas. Esses elementos, conforme os julgamentos dos indivíduos do século, mantêm uma conexão que deriva do anseio por novidade e, por sua vez, decorre da tendência em buscar o admirável que a novidade traz consigo. A arte, a literatura e a poesia continuam a exaltar a novidade, satisfazendo o apetite pelo novo em certos grupos sociais. O Barroco promoveu, cultivou e celebrou a novidade, mas suas declarações em prol do novo muitas vezes se limitam a jogos poéticos, extravagâncias literárias e artifícios teatrais que maravilham e suspendem o ânimo decadente da sociedade do século XVII.

Portanto, a novidade é de grande interesse para o escritor Barroco, sendo uma forma sutil e doce de fazer com que o sistema de reforço da tradição monárquica senhorial seja aceito e internalizado. Se a pedagogia e todas as artes de condução do comportamento humano no Barroco buscam atingir níveis extra racionais do indivíduo para movê-lo e integrá-lo nos grupos mantenedores do sistema social existente, um recurso poderoso é chamar a atenção por meio do suspense da novidade, desde que não represente um risco. O novo agrada, o nunca antes visto atrai, a invenção que estreia em beleza; porém, todas as audácias relacionadas são permitidas desde que não abalem as crenças fundamentais sobre as quais se assenta a estrutura social da monarquia absolutista. Ao contrário, utilizando essas novidades como veículos, a propaganda persuasiva em prol do status é mais facilmente introduzida. Desse modo, tanto os apreciadores quanto os praticantes de diversas artes concordam em recomendar a busca pela novidade, pois sem ela nada significativo é alcançado.

4.1.1 O teatro barroco

O teatro na Espanha do século XVII desempenhou um papel de grande importância. As peças eram encenadas em lugares adaptados especificamente para esse fim. A temporada teatral abrangia o período do Dia de Páscoa ao Carnaval do ano seguinte. As apresentações ocorriam durante a tarde, aproveitando a luz do dia, e eram eventos animados. Entre as comédias, havia intervalos para aperitivos e danças, proporcionando entretenimento adicional aos espectadores. Existiam diversos teatros, até mesmo voltado para a classe média. À medida que o século XVII avançava, o teatro cortesão, realizado em palácios nobres ou na corte real, ganhou destaque. Nessa modalidade teatral, atores da nobreza eram frequentemente encarregados das apresentações, embora em algumas ocasiões, nobres e até mesmo monarcas participassem ativamente. Paralelamente, desenvolveu-se uma forma específica de teatro conhecida como "autos sacramentais", peças que faziam parte de um evento maior, apresentando personagens alegóricos com temas religiosos e intenções didáticas. Esses autos eram encenados nas ruas antes da festa de Corpus Christi, com entrada gratuita para o público, enquanto os custos de produção eram financiados pelos participantes. Essas celebrações barrocas reuniam multidões de pessoas em uma atmosfera festiva.

O teatro religioso, abrangia uma expressão relevante, foi por meio dos "Autos Sacramentales," peças curtas de um único ato, que apresentavam personagens abstratos na forma de alegorias, como bem e pecado. Essas peças abordavam temas relacionados à eucaristia e à comunhão, frequentemente explorando conflitos entre forças do bem e do mal. Calderón de la Barca, por sua vez, trouxe uma visão profundamente barroca e conservadora, explorando temas filosóficos e teológicos em um estilo culto e reflexivo. Suas obras muitas vezes abordavam a ideia de que a vida é um sonho fugaz, e o mundo era um palco no qual desempenhamos papéis designados pelo divino. Os enredos e os personagens de Calderón eram cuidadosamente elaborados, apresentando figuras simbólicas que frequentemente exploravam conceitos filosóficos, teológicos e existenciais.

O teatro do tribunal era realizado nos salões ou jardins dos palácios, o teatro de corte se tornou uma modalidade proeminente. As apresentações de luxo contavam com inovações cenográficas que permitiam efeitos especiais impressionantes, como o desaparecimento e o

voo dos atores. Comédias mitológicas ou fantásticas, frequentemente acompanhadas de cenários e músicas suntuosas, encantavam a audiência da corte.

O teatro de Los Corrales, ou teatro popular, como era conhecido, com nomes como Lope de Vega e Shakespeare na Inglaterra, alcançou notável sucesso no século XVII. Como precursor desse movimento, Lope de Vega introduziu uma forma mais acessível de teatro, adaptada ao gosto do público, conhecida como a "nova comédia". A "nova comédia" abraçou uma abordagem mais flexível, misturando elementos cômicos e trágicos, abrindo espaço para a pluralidade de ações, e introduzindo polimetria na linguagem e a prática de decoro poético. Os temas das peças variavam desde questões religiosas até históricas, lendárias, amorosas e muito mais, com destaque para uma ênfase em personagens que representavam modelos sociais. O teatro barroco não só refletiu as preocupações da época, mas também se tornou uma forma de entretenimento acessível a diversos públicos, desde a corte até o público popular, enriquecendo a cultura teatral do período.

Na França, também foi afirmado que, para a mentalidade Barroca, um dos melhores meios de intensificar os efeitos de uma tese ou modos específicos de apreciação ou atuação é o uso do extraordinário, aquilo que foge ao comum. No entanto, há aqueles que não apenas reconhecem a difusão e o gosto pelo extravagante, mas também o admitem em uma espécie de preceito, embora dentro de certos limites. Um dos grandes defensores do teatro novo, ou seja, especificamente do teatro Barroco, Gonzales de Salas, reconhece o extravagante em circunstâncias excepcionais, como uma manifestação de um gênero superior: a novidade, a extravagância e até mesmo a temeridade que o gênio pode permitir. A busca pela extravagância é comum em toda a Europa do século XVII. Por toda a Europa, inclusive na Espanha, as pessoas estão inclinadas a esperar efeitos mágicos, eventos sobrenaturais que confirmem ou neguem suas esperanças. Apesar dos esforços de controle para conter esse anseio por efeitos novos e surpreendentes, podemos observar que o estado de espírito excepcional que se estabelece favorece o desenvolvimento desmedido e a alteração substancial de um fenômeno revitalizado durante o Renascimento: a magia. Referimo-nos à nova transformação da magia ou feitiçaria em bruxaria e ao notável crescimento da bruxaria em toda a Europa a partir dos últimos anos do século XVI. Mesmo com os mecanismos de repressão, incluindo condenações pelos tribunais da Inquisição, não foi possível evitar que a paixão pelo desconhecido, pelo novo, pelo extraordinário e, por fim, pelo extravagante,

levasse a excessos além dos limites aceitáveis. Isso nos dá um vislumbre, através de um exemplo mínimo, das mudanças de sensibilidade ocorridas na sociedade do século XVII, mudanças impulsionadas e revitalizadas pelos líderes da cultura Barroca, as quais expressam a nova direção que o gosto pela invenção estranha tomava. Às vezes, a novidade que se transforma em extravagância se converte no mais banal capricho. Isso se reflete na introdução de modas exóticas e passageiras no vestuário de homens e mulheres, expressando seus desejos pessoais: barbas, cabelos longos, sapatos desconfortavelmente altos para homens, e uma infinidade de outras novidades em suas vestimentas, incluindo o caprichoso gosto por cães de raças específicas.



Roupa de teatro Rei Sol e Rei Luís XIV da França, 1882-1884 · Unbekannt

O obscuro e o difícil, o novo e o desconhecido, o raro e o extravagante, o exótico, tudo isso se tornou um recurso eficaz na perspectiva Barroca, que busca mover as vontades, deixando-as suspensas, provocando admiração e paixão por aquilo que antes não era conhecido. Essa ampla adoção dos recursos utilizados pela cultura Barroca, atingindo amplas camadas da população e alcançando os estratos sociais mais baixos, é uma confirmação adicional desse caráter citadino massivo, apelando para o público urbano em grande número.

O teatro, como espetáculo do século XVII, tem o prazer do artifício, sendo

especialmente adaptável aos objetivos do Barroco. Não há maneira mais visível e eficaz de participação nos princípios sociais do Barroco do que as representações teatrais. A essência do Barroco no uso do teatro não corresponde às inclinações democráticas dos Habsburgos, permitindo que o povo assista às comédias nos espaços reais durante vários dias consecutivos. Isso é feito deliberadamente para este fim. Uma das principais influências no desenvolvimento da arte dramática talvez seja, de que o teatro permite, por meio de sua montagem cênica, o uso de artifícios surpreendentes. No século XVII, diante do público, atores representavam personagens divinas, santos, reis e suas alegorias, seres superiores que habitavam um espaço superior, conferindo ao público uma prova tangível de sua superioridade. Desde as primeiras décadas do século XVII, o público inglês buscava no teatro encenações elaboradas. A sofisticação das encenações alcançava um grande nível, com aparições meticulosamente montadas, iluminações extravagantes, cenários de rochas que se abriam, palácios contemplados com vastas perspectivas, transformações de paisagens, fenômenos naturais simulados, além de barcos, cavalos, feras, etc., todos movendo-se no palco, evidenciando o complexo desenvolvimento da técnica teatral. O homem do Barroco desejava controlar e aplicar essas habilidades, valendo-se de energias psicológicas para suscitar na plateia uma suspensão maravilhada, alcançando resultados atrativos, persuasivos e propagandísticos (efeitos direcionados).

A nova comédia, caracterizada por uma ruptura com as convenções rígidas do teatro clássico, marcou uma evolução significativa no teatro barroco. Lope de Vega é considerado o precursor desse novo estilo e estabeleceu diretrizes importantes para o que ficou conhecido como a comédia nacional. As principais características de suas comédias incluíam, uma mistura de elementos cômicos e trágicos, o uso da linguagem adequada ao status dos personagens, em que o falar dos personagens eram distinguidos com base em seu status social, com métricas variadas que se adaptavam às diferentes passagens, situações e personagens, além de incluir músicas e danças, para entretenimento adicional. Os temas explorados na nova comédia eram diversos e incluíam aspectos religiosos, históricos, lendários, pastorais, cavalheirescos, novelísticos, mitológicos, filosóficos, entre outros. Comédias com temas amorosos eram particularmente comuns, muitas vezes abordando uma abordagem platônica que dava origem a conflitos, disputas e ciúmes. A norma era que essas comédias culminassem em um final feliz, embora houvesse exceções. A questão da honra também era recorrente, uma vez que qualquer afronta à honra era considerada grave e exigia

reparação. A honra era tão valorizada que sua perda equivalia à morte social, justificando até mesmo a violência para restaurá-la. Apesar da diversidade de temas, as comédias barrocas retratavam uma sociedade que reconhecia o rei como sua figura máxima, cujo poder era considerado divino.

Assim, o teatro barroco defendia o sistema social da época e desempenhava um papel semelhante à mídia de entretenimento de massa, refletindo e promovendo os valores e a estrutura social vigentes.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através dessa análise abrangente, fica evidente que o século XVII foi marcado por turbulências, instabilidades políticas e sociais, resultando em uma série de mudanças profundas na sociedade. A crise da época, seja por guerras prolongadas, pandemias como a peste negra ou desigualdades econômicas, impulsionou uma necessidade de reorganização e estabilização da nova sociedade. Nesse contexto, emergiu o movimento cultural e intelectual Barroco, para desempenhar um papel crucial na reconfiguração da sociedade. Artistas, intelectuais e líderes políticos uniram forças para direcionar a sociedade rumo a uma nova ordem, buscando restaurar a estabilidade e a coesão social. A era Barroca foi uma fase de intensidade, exuberância e extremos, refletida tanto na arte quanto na literatura e no teatro. Esta época foi marcada pela busca pela intensidade máxima na experiência humana, pela representação do extraordinário e pelo uso de técnicas que capturavam a atenção e envolviam emocionalmente o espectador ou leitor. A suspensão, o exagero e a ênfase na extremidade eram traços marcantes do Barroco, tanto na arte visual quanto na literatura. A arte barroca refletia não apenas a realidade, mas também serviu como veículo de expressão para as classes emergentes, ligando-se à monarquia e à nova ordem social e econômica em formação. A literatura barroca, por sua vez, explorava temas como a morte, a vida e a dualidade entre o sério e o sarcástico, empregando técnicas como o culturalismo e o conceptismo para desafiar os leitores e provocar interpretações mais profundas. No teatro barroco, havia uma ferramenta poderosa para promover ideais e representações que reforçassem o sistema social vigente. Em suma, o Barroco não se limitou à exuberância estética, mas buscou uma intensidade que provocasse uma resposta emocional profunda, uma suspensão momentânea que convidasse o público a se envolver na obra. Esse período artístico e cultural não apenas refletiu a sociedade de sua época, mas também a influenciava e a moldava, estabelecendo padrões e valores que reforçaram ao longo dos séculos seguintes. A Reforma Protestante, liderada por Martinho Lutero, desafiou as estruturas condicionais da Igreja Católica, questionando a autoridade e a interpretação dos ensinamentos religiosos. Isso desencadeou conflitos e consequências significativas, culminando em guerras religiosas na Europa. No entanto, abriu caminho para

uma busca por conhecimento, liberdade de expressão e uma interpretação mais pessoal da fé. As mudanças ocorridas nesse período tiveram um impacto significativo, não apenas no campo religioso, mas também nas esferas política, social e cultural, moldando a mentalidade barroca e influenciando a forma como as pessoas viam as mesmas e suas responsabilidades individuais. Dessa forma, a arte e a política do Barroco são deciframentos que inevitavelmente envolvem o jogo com a dificuldade e a obscuridade. A época do barroco marca o rápido crescimento dos impérios, fortalecidos por vitórias em guerras e empreendimentos marítimos expansionistas, e proporcionou respeito e credibilidade nas relações diplomáticas com outras nações europeias, levando a alianças políticas e a empreitadas expansionistas no continente.

Portanto, o Barroco não pode ser compreendido apenas como um movimento artístico, mas sobretudo como um reflexo das profundas transformações sociais, políticas e religiosas da Europa do século XVII. Esses movimentos moldaram não apenas a expressão artística, mas também a mentalidade da época, influenciando as relações de poder, política e religiosa da época. A cultura Barroca é sobretudo um conjunto de recursos ideológicos e sociais utilizados para sustentar a autoridade e moldar o comportamento das pessoas. A ciência, a religião, a literatura e a economia foram ferramentas influentes na tentativa de manter a ordem e o controle social, enquanto buscava compreender e influenciar os comportamentos humanos. Os pensadores desse período, como Bacon, Descartes e Weber, foram imersos nessa busca pelo conhecimento do ser humano e do mundo ao redor, movendo a dominação e o controle da realidade. A compreensão de si mesmo era vista como o ponto de partida para esse domínio, e a associação entre comportamentos humanos e moralidade era central na mente de Barroca.

REFERÊNCIAS

- BESEN, J. A. 2016. **O concílio de trento e a reforma católica**. Encontros Teológicos 31, nº. 2 (maio): 279-294.
- COSTA, AMORIM, MARINA. N. D. **Barroco e propaganda: Luís XIV e a representação do monarca absolutista**. Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo (FAPES). accessed junho, 2023.
- FALCON, Francisco, and ANTONIO, E. Rodrigues. 2006. **A formação do mundo moderno: a construção do ocidente dos séculos xiv ao XVIII**. elsevier, nº. 2.
- FASTIGGI, Robert. 2020. **As contribuições do concílio de trento para a reforma católica**. Pericórese 18.6:3-20.
- LOPES, I. C. 2014. **A crise religiosa da segunda metade do século xvi**. Dialectus, nº. 4 (junho), 1-27.
- MARAVALL, José a. 1997. **A cultura do barroco: Análise de uma estrutura histórica**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- MONTEIRO, R. B. 2007. **As reformas religiosas na Europa moderna, notas para um debate historiográfico**. Varia história 2, nº. 37 (jan/jun): 130-150.
- PETERS, C. E., e E. S. Ribeiro. 2010. **Entre rupturas e permanências: O concílio de trento sob análise**.
- SILVA, M. C. 2017. **Crise e fome na alta idade média: o exemplo do capitulados carolíngios**. anos 90, nº 24, no. 45 (julho): 185-207.

SILVA, R. H., e Carlos e. Marotta Peters. 2015. **Entre rupturas e permanências: o concílio de trento sob análise.** (março). https://www.academia.edu/23176838/entre_rupturas_e_perman%C3%80ncias_o_conc%C3%80lio_de_trento_sob_an%C3%80lise.

SIMIONE, A. A. N. D. **A crítica da modernidade e crise dos paradigmas revisitados: construção coletiva como alternativa de produção do conhecimento científico.** Saberes 1 (14): 181-201. accessed agosto 13, 2023.

DAVIDSON, N. S. **A contra reforma.** Trad. Walter Lellis Siqueira. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

FALCON, FRANCISCO. RODRIGUES, ANTÔNIO EDMILSON. **A formação do mundo moderno: a construção do ocidente dos séculos xiv ao XVII.** 2 ed. Rio de Janeiro: elsevier, 2006.

MULLETT, MICHAEL. **A contra-reforma e a reforma católica nos princípios da Idade Moderna europeia.** Lisboa: Gadiva, 1985.